

Memória e socialização em idosos moradores de uma instituição de longa permanência mineira

Iasmim Faria Nogueira¹

Bruno Vasconcelos de Almeida²

RESUMO

Este estudo busca discutir uma intervenção realizada com idosos institucionalizados a partir do projeto de extensão “Arte de Cuidar: apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras”. Os encontros semanais foram estruturados tanto de forma temática quanto de forma livre, visando a formação de vínculos, a utilização da memória e o fomento à socialização entre os participantes. Participaram da intervenção, um total de 20 idosos, sendo 16 mulheres e 4 homens. Os encontros mostraram-se válidos para a saúde física e mental do idoso institucionalizado, em especial por terem ocorrido durante a pandemia de COVID-19, momento em que a rotina na Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) em questão se mostrou com a redução das interações sociais, devido à suspensão de algumas atividades, como as aulas de dança, artesanato e fisioterapia. Logo, buscou-se estimular cognitivamente e socialmente os participantes, em especial, a partir do uso da fala e da memória. Nota-se que as lembranças do passado, atreladas às histórias de vida contadas pelos idosos, contribuem para a compreensão da identidade desses sujeitos, que são únicos, mesmo estando institucionalizados. Ressalta-se que, durante a realização das oficinas, foi possível perceber vivências que provavelmente não existiriam fora de um grupo, os quais geraram momentos de conexão grupal de forma verbal ou não verbal e evocação de comentários sobre o passado e o futuro.

Palavras-chave: ILPI. Oficinas. Psicologia. Envelhecimento.

Memory and socialization in elderly residents of a homes for the aged

ABSTRACT

This study seeks to discuss an intervention carried out with institutionalized elderly people from the extension project “Art of Caring: psychological support for elderly residents and workers of homes for the aged in Minas Gerais”. The weekly meetings were structured both thematically and freely, aiming at the formation of bonds, the use of memory and the encouragement of socialization among the participants. A total of 20 elderly people participated in the intervention, 16 women and 4 men. The meetings proved to be valid for the physical and mental health of institutionalized elderly people, especially because they occurred during the COVID-19 pandemic, when the routine in homes for the aged, in question, proved to be with the reduction of social interactions, due to the suspension of some activities such as dance, handicraft and physiotherapy classes. Therefore, we sought to cognitively and socially stimulate the participants, especially through the use of speech and memory. It is noted that the memories of the past linked to the life stories told by the elderly contribute to the understanding of the identity of these individuals who are unique, even though they are institutionalized. It is noteworthy that during the workshops, it was possible to perceive experiences that probably would not exist outside a group, which generated moments of group connection in a verbal or non-verbal way and evocation of comments about the past and the future.

Keywords: ILPI. Workshops. Psychology. Aging.

¹ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e monitora do projeto de extensão “Arte de Cuidar: apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras”. E-mail: iasmimf@hotmail.com.

² Professor na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Pós-Doutor em Filosofia (UFMG, 2016; 2014), Doutor e (PUC-SP) e Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP); coordenador do projeto de extensão “Arte de Cuidar: apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras”. E-mail: brunovasconcelos@pucminas.br.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é algo cada vez mais marcante na sociedade brasileira. Fato que pode ser comprovado pelas projeções da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), que apontam para a possibilidade de o número de idosos no Brasil triplicar até 2050. Ressalta-se que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de idoso no país já em 2019 correspondia a 13% da população. Esse aumento populacional específico gerou o desenvolvimento de novos instrumentos legais, a fim de garantir a proteção social da pessoa idosa, especialmente, no que diz respeito à saúde preventiva, acesso à informação, mobilidade e serviço (Brasil, 2010).

A velhice, em geral, se constitui por perdas progressivas, tanto nas funções, quanto nos papéis sociais. Assim as necessidades são diferentes, principalmente, devido ao declínio do corpo, os processos de luto, a cessação do trabalho e a redução da inteligência fluida, aspecto da inteligência relacionada, normalmente, a componentes não verbais e pouco dependentes de conhecimentos previamente adquiridos ou da influência de aspectos culturais, utilizada na resolução de problemas, criação de inferências e reconhecimento de conceitos (CAMARANO; KANSO, 2010). A respeito das questões fisiológicas, é comum que surjam alterações motoras e nos sistemas sensoriais (sistema vestibular, sistema visual e sistema somatossensorial) apontando para *déficits* na amplitude dos movimentos e nas respostas proprioceptivas e sensoriais (KOCK; BISETTO, 2017).

Essa época da vida também é marcada pelo enfraquecimento dos diversos tipos de memória, devido à marcante diminuição da capacidade cognitiva. Tal enfraquecimento da memória se constitui comumente como uma queixa dos idosos, pois essa é responsável por adquirir, armazenar e evocar informações, e seu bom funcionamento facilita as relações com o ambiente (ESTIVALET; PALMA, 2014); porém, o envelhecimento é um processo pessoal e, por isso, único, pois depende de capacidades adquiridas durante o percurso da vida e proveniente do meio ambiente e das relações sociais (CAMARANO; KANSO, 2010).

Vale ressaltar que, além das relações sociais serem importantes determinantes para o processo do envelhecimento, no que diz respeito às capacidades básicas adquiridas, elas são essenciais durante a própria velhice. Isso ocorre porque as habilidades sociais se relacionam tanto com a saúde, quanto com o aprimoramento da qualidade de vida, gerando por conseguinte maior satisfação pessoal. As habilidades sociais possuem esse poder, pois na terceira idade previnem o isolamento e a solidão, por atuarem no estabelecimento e na manutenção do contato social, já que essas habilidades constituem diferentes classes comportamentais, utilizadas frente às demandas das situações interpessoais (MACHADO; CAMPOS; RABELO, 2013).

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) mesmo tendo sido apontadas na literatura, por autores com Nunes *et al.* (2010) e Araújo e Ceolim (2007), como locais de isolamento social e perda da identidade, têm sido consideradas, atualmente, como campo de apoio social, cuidado à saúde e acesso à segurança, tendo como foco um trabalho baseado na manutenção das relações sociais do idoso. A reestruturação de parte dessas instituições, nos últimos anos, advém de uma nova visão do processo de envelhecimento que visa não agravar, ao longo da permanência do sujeito, as disfunções físicas, cognitivas, emocionais e sociais da longevidade, mas sim propiciar amparo a suas questões deficitárias individuais (LEÃO *et al.*, 2017).

Assim, a socialização do indivíduo idoso institucionalizado se torna essencial, pois sua longa permanência na instituição pode propiciar sintomas depressivos e baixo engajamento nas atividades diárias como consequência da previsibilidade e monotonia da rotina. Portanto, inserir intervenções que visem à utilização de habilidades sociais e o aprimoramento das relações interpessoais são importantes para a melhoria da qualidade de vida dos idosos nesse ambiente, já que propiciam vínculos afetivos energizantes (MACHADO; CAMPOS; RABELO, 2013).

Vale ressaltar que as ILPI brasileiras são, em sua maioria, de natureza filantrópica, fato que reflete sua origem ligada à população carente, e torna factual a dificuldade de realizar atendimentos não generalizados, pela frequente falta de recursos e funcionários. Marca-se que tanto a carência financeira quanto a de moradia se apresentam como motivos recorrentes para a inserção de idosos nesses ambientes (CAMARANO; KANSO, 2010). Outro motivo que pode levar a família ou o próprio idoso a buscar atendimento nessas instituições diz respeito às limitações funcionais e cognitivas do sujeito, as quais comprometem a autonomia e independência do mesmo e, em geral, refletem significativamente em seu cotidiano (LEÃO *et al.*, 2017).

Nesse sentido, as ILPIs conseguem suprir em parte as expectativas daqueles que nela se inserem, pois são consideradas ambientes para pessoas com sessenta anos ou mais, os quais proporcionam tanto abrigo quanto atendimentos integrais nas áreas de fisioterapia, medicina, psicologia, enfermagem, serviço social, entre outras. Assim, os atendimentos atuam na redução das limitações funcionais e cognitivas do sujeito (SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 2003). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), em sua Resolução da Diretoria Colegiada (283), destaca ainda a necessidade de essas instituições apresentarem um caráter humano em sua atuação, proporcionando uma condição de liberdade, dignidade e cidadania (CAMARANO; KANSO, 2010).

Uma forma possível de se desenvolver a condição de liberdade e dignidade do idoso ocorre por meio da possibilidade de realizar atividades grupais, que gerem sentimentos de reconhecimento e pertencimento àquele espaço, ou que deem vazão para a livre fala do indivíduo institucionalizado

marcando sua individualidade. A boa conexão entre o sujeito e os membros da instituição e a possibilidade do exercício de sua individualidade são questões fundamentais, pois as incapacidades decorrentes da velhice estão ligadas à forma como o sujeito percebe seu envelhecimento, e por conseguinte com o quanto ele se sente “dominador de sua existência” (MORAIS, 2009). De acordo com Almeida *et al.* (2010), a participação de idosos em grupos de convivência traz benefícios à saúde física e mental, pois os momentos de contato com a realidade e a sensação de compreensão do ambiente geram menor queda de funcionalidades pelo aumento da qualidade de vida que a socialização propicia.

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma experiência interventiva realizada por meio do Projeto de Extensão “ARTE DE CUIDAR: apoio psicológico a idosos residentes e trabalhadores de ILPIs mineiras”, formalizado em 2021, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas, e integrado ao Grupo de Trabalho Espaços Deliberativos e Governança Pública (GEGOP) e na Rede de Apoio à Pessoa Idosa de Minas Gerais (RAPI-MG). É válido pontuar, que o Projeto de Extensão supracitado visa trabalhar com o apoio psicológico a idosos residentes e a trabalhadores de ILPIs mineiras, diante do avanço da pandemia da COVID-19 e do necessário isolamento social. A proposta consiste em diversas ações como o acolhimento e apoio psicológico por meio remoto a idosos residentes nas ILPIs; grupos temáticos online, sob demanda; acompanhamento terapêutico online; leitura e contação de estórias/histórias online; e atendimento remoto a trabalhadores das ILPIs, tendo como base principal contribuir para uma melhor qualidade de vida dos públicos atendidos. Neste projeto, de onde derivam as ações extensionistas realizadas, aponta-se que há uma confluência de saberes distintos e transdisciplinares: Psicologia do Envelhecimento, Psicologia Social, Estudos da Subjetividade, Saúde Coletiva e Políticas Públicas com foco em idosos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Metodologia

Trata-se de um projeto de intervenção de cunho extensionista, pertinente à atuação no Projeto de Extensão “Arte de Cuidar”, aprovado e efetivado com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas, em 2021. O trabalho aqui referido foi realizado junto a uma ILPI localizada em um município brasileiro, no interior do estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país. A instituição possui mais de meio século de existência e se apresenta como uma entidade filantrópica de caráter assistencial e sem fins lucrativos. Atualmente possui 37 idosos residentes, sendo 13 do sexo masculino e 24 do sexo feminino. A instituição é organizada em alas (feminina e masculina) e conta com área externa, quartos

para duas e três pessoas, banheiros coletivos, espaço para atividades físicas, refeitório, sala de televisão, entre outros espaços. A respeito dos funcionários, atualmente, a instituição conta com 30 profissionais, possuindo coordenadores administrativos, cuidadores, responsáveis pela faxina, cozinha, serviço externo, lavanderia, dispensa, nutricionista, responsável pelos sistemas técnicos, enfermeiros, fisioterapeuta e um dentista voluntário. Logo, não há psicólogos na instituição, porém outros profissionais, antes da pandemia da COVID-19, atuavam periodicamente realizando atividades de grupo, como por exemplo aulas de forró e artesanato.

Vale pontuar que a primeira atividade extensionista na ILPI foi uma reunião com o enfermeiro-chefe e a nutricionista, com o intuito de apresentar o projeto e discutir as possibilidades, visto que o contato com os idosos seria realizado remotamente via videochamadas. Perante a afirmativa da instituição, foram iniciados encontros semanais com duração média de uma hora e meia, realizados utilizando o suporte humano de uma cuidadora e um responsável pelos sistemas técnicos. Em relação ao suporte material estiveram disponíveis um *notebook* e um *Datashow*, os quais colaboraram enormemente com a ampliação da voz da extensionista, devido à presença de autofalantes embutidos, tornando o encontro mais acessível para os idosos com problemas auditivos. As reuniões aqui referidas ocorreram no primeiro semestre de 2021 e foram realizadas por parte da ILPI tanto no refeitório quanto na sala de televisão e outras salas coletivas similares. As ações foram parte das estratégias de grupos temáticos *on-line* e leitura/contação de histórias *on-line*.

Participaram da intervenção, um total de 20 idosos, sendo 16 mulheres e 4 homens. Ressalta-se que a média foi de 8 participantes por encontro, tendo atingido um mínimo de 4 pessoas e um máximo de 14 no período aqui exposto. Entre os idosos, três estão há mais de 10 anos na instituição, sendo que dois deles chegam a quase 20 anos de permanência. Cabe salientar que nenhum idoso faleceu durante o período de intervenção. No quadro a seguir são informadas idades reais, tempo de institucionalização e nomes fictícios, escolhidos a partir de nomenclaturas de flores, a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

Quadro 1 – Idade e tempo de institucionalização dos moradores da ILPI

Nome	Idade	Tempo de instituição	Nome	Idade	Tempo de instituição
Amaris	86 anos	7 anos e 11 meses	Kalanchoê	92 anos	1 ano e 5 meses
Antúrio	85 anos	4 anos e 7 meses	Lavanda	84 anos	19 anos e 4 meses
Begônia	74 anos	4 anos	Lírio	85 anos	2 anos e 2 meses
Calêndula	71 anos	2 anos e 9 meses	Lisianto	66 anos	4 anos e 4 meses
Cravo	73 anos	4 anos e 3 meses	Magnólia	81 anos	2 anos e 11 meses
Gardênia	81 anos	4 anos e 8 meses	Narciso	72 anos	1 ano e 10 meses
Girassol	82 anos	8 anos e 5 meses	Prímula	86 anos	18 anos e 1 mês
Hibisco	88 anos	12 anos	Tulipa	85 anos	2 anos e 1 mês
Hortênci	69 anos	1 ano	Verbena	87 anos	9 anos e 3 meses
Jacinto	91 anos	6 anos	Violeta	79 anos	9 anos e 5 meses

Fonte: Elaboração dos autores. Informações registradas em maio de 2021.

O processo de análise dos resultados obtidos contou com o registro dos encontros em formato de diário de campo, e posterior mapeamento dos acontecimentos comparados a literatura científica vigente, apresentada anteriormente neste artigo.

2.2 Resultados e discussão

Os encontros foram estruturados tanto de forma temática quanto de forma livre, visando à formação de vínculos, à utilização da memória e ao fomento à socialização entre os participantes. Analisados em conjunto por haver intensa relação, os relatos a seguir fundamentam-se tanto em histórias captadas ao longo da experiência de cunho extensionista, quanto em interações percebidas e registradas em um diário de campo.

Lírio, em sua fala inicial no primeiro encontro, revela que não se sente bem e que seu “coração está grande”. Relata apresentar dores no peito, mas diz não ter medo de morrer e estar ciente de que a qualquer momento “o coração vai derrubá-la”, pois lembra que toda a família morreu de “coração grande” e que agora restam apenas três dos seis irmãos. Diz sentir saudades deles e relembra, em seguida, as diversas mortes, como a do pai e dos irmãos. Hibisco, outra idosa da instituição, num discurso similar, relata inicialmente em sua fala que está com dores e por isso está fazendo um

tratamento, porém não se recorda da doença que apresenta, e se sente impelida a questionar a cuidadora que afirma que suas comorbidades são diabetes e pressão alta.

Dentre os idosos participantes do encontro, foi comum em seus discursos surgirem narrativas sobre dores em geral, as quais algumas eram típicas da idade, provenientes de doenças crônicas degenerativas. Houve também relatos que evocam a morte de algum parente, evidenciando-se o valor das perdas como um momento marcante na vida de cada um, dados que corroboram aqueles obtidos por Esposito e Gonçalves, em uma ILPI no Rio Grande do Sul (2015). Além disso, é possível perceber conexão entre as falas das idosas e a literatura formal vigente, já que Duarte *et al.* (2010) comentam que o momento do envelhecimento pode aumentar a prevalência de doenças, em especial aquelas não transmissíveis. Tais enfermidades, comumente, geram sequelas limitantes que incomodam o sujeito por reduzir o desempenho funcional, e acabam por interferir em sua identidade pessoal.

Lírio, quando questionada sobre seus hobbies, afirma gostar de artesanato, apesar de sentir raiva, às vezes, quando faz e erra, ou quando sente que demora muito para fazer algo que antes lhe era tão fácil e rápido, mas manifesta que é uma distração, já não possui outra coisa para fazer. Lembra que gostava de lavar, cozinhar e mexer na horta da ILPI, mas que não pode fazer isso atualmente devido ao vírus e a problemas cardíacos. De forma semelhante, Hibisco relata com frustração que não faz nada no dia a dia, e complementa que, quando entrou na ILPI, ajudava na lavanderia, mas que precisou sair devido à existência do vírus e das condições físicas que vêm lhe acometendo, aos poucos, no decorrer de mais de dez anos de instituição.

Devido ao advento da pandemia de COVID-19 (*Corona Virus Disease-19*) ocorreu, de acordo com Hammerschmidt e Santana (2020), uma mudança na rotina das ILPIs, já que o vírus possui alta capacidade de transmissibilidade e de mortalidade em indivíduos idosos. Marca-se que muitos deles apresentam comprometimentos funcionais significativos e doenças que podem servir de agravantes. Assim, diversas mudanças na dinâmica dessas instituições ocorreram, como o cancelamento das visitas presenciais, o uso de máscaras, e a evitação de atividades que envolvam tocar objetos com possível taxa de transmissão como roupas e louças. Mudanças, essas, que até o momento têm sido eficientes, já que a ILPI não apresentou nenhum caso de COVID-19 desde o início da pandemia.

Assim, a frustração de Lírio e Hibisco é bastante real, pois várias atividades que realizavam foram suspensas como as aulas de dança, artesanato e na horta, bem como a ajuda que prestavam na cozinha e na lavanderia, a fim de evitar a instauração de um ciclo de contaminação. Fundamenta-se, assim, mais uma vez, a importância da existência dos encontros extensionistas que promovem socialização e mudança de rotina, frente a um dia a dia, que, com a pandemia, se tornou mais maçante.

Sobre sua vida antes da ILPI, Hibisco, discorre que foi para o Rio de Janeiro e lá trabalhou em um orfanato, onde cuidou de uma criança cuja avó, após a morte da mãe, rejeitou porque era

negra. Tal criança, agora adulta, continuou mantendo contato com ela, e no presente liga diariamente para conversarem, tendo-a como mãe e sempre dizendo que a ama. Hibisco diz gostar de conversar com a “filha adotada” e com outros idosos e cuidadores, e conta que a instituição vivia cheia antes da pandemia, mas que agora as visitas pararam, então sente falta da animação.

Também se referindo a parentes, Amaris, uma idosa bastante saudável e crítica, em um encontro pergunta ao grupo o que fazer quando uma mãe “não quer deixar o filho sair de casa”, dialogando sobre essa ação ser certa ou errada. Quando a pergunta é retornada para ela, diz que devemos deixar os filhos irem depois de “colocar coisas boas na cabeça deles”, “devemos soltá-los pelo mundo para viverem de verdade e não os prender igual a galinhas”. Quando questionada se conhece alguma mãe assim, conta que tem uma parente que age dessa forma, um “carrasco que prende”, e que está pensando em como convencê-la a ser mais tolerante.

O discurso de Hibisco e Amaris compactua com a perspectiva de Esposito e Gonçalves (2015), os quais explicam que os vínculos familiares podem ser mantidos mesmo que o idoso se encontre institucionalizado, pois uma instituição nem sempre exclui o idoso do contexto social. Esse é o caso de ambas as idosas supracitadas, já que recebem ligações frequentes e notícias detalhadas, sendo que no caso de Amaris, até mesmo, se mostra crítica o suficiente para se contrapor àquilo que lhe contam.

Gardênia, em outra perspectiva, é uma idosa que gosta de desenhar, mas prefere colorir. Sendo apaixonada por pássaros, ao ouvir Tulipa falando sobre aves, num encontro específico, completou dizendo que gostaria que alguém lhe desse uma figura de qualquer uma, pois ela coloria muito bem. Por isso, de acordo com ela, quando estivesse pronto todos ficariam satisfeitos vendo sua produção. Diante de seu interesse, foram mostradas em meio a conversa diversas imagens, a fim de o grupo dialogar sobre as aves de que ela tanto gostava: papagaio, periquito, sabiá, canário, águia, jacu e urubu. Gardênia recordou do nome de todas, sendo que a imagem do jacu veio como um pedido e relato seu, pois de acordo com ela, comia muito a carne desta ave, quando jovem, sendo o gosto e aparência parecidos com a de uma galinha.

Begônia fala pouco, com voz arrastada e baixa, e durante todos os encontros apenas verbalizou algumas palavras com a ajuda da cuidadora. Aos poucos, por exemplo, lembra sobre as bonecas que ela havia ganhado, e sorri, contudo, quando lhe foi perguntado quantas bonecas ela tinha, não soube responder. Quando a cuidadora contou que ela havia feito uma festa para as bonecas, recentemente, e perguntou para ela como havia sido, em resposta ela nada disse. Em outro momento, numa reunião, na qual o foco foi o tema da Páscoa, Begônia não se manifestou em momento algum, mas ao final mostra seu desenho. É importante ressaltar que ela desenha sobre a Páscoa, demonstrando estar acompanhando, de certo modo, a discussão. Sua voz se mostra fraca e sumida e a cuidadora relata

que ela a havia contado que desenhou ovos de páscoa e crianças recebendo-os, preenchendo amplamente a folha de papel de forma colorida.

Outros dois momentos marcantes, nos quais foi possível notar a socialização entre os membros do grupo de idosas, ou entre as idosas e o meio/contexto propiciado pela existência do encontro, referem-se ao momento em que Hortênsia, em uma atividade que falávamos sobre contos de fadas e histórias, consegue se lembrar que seu pai contava para a ela a história dos “Três Porquinhos”. Incentivada pela projeção da história ilustrada e pelos comentários de outras idosas, ela consegue contar a narrativa com ajuda da extensionista. Um outro momento diz respeito a um encontro realizado com o tema “músicas”. Nele Hibisco comenta que, na juventude, desejou ser cantora, mas a vida impediu-a e a levou para outros lugares. Quando solicitada a cantar uma canção, ela sente vergonha e se retrai. Porém, Lisianto começa a cantar uma música sobre Nossa Senhora, a qual Hibisco também conhecia, e assim ambas cantam juntas, animadamente.

Hortênsia, bastante comunicativa e autônoma, durante algumas reuniões relatou gostar da vida e desejar viver muitos anos, espera sair da ILPI para encontrar um futuro marido, se casar de forma tradicional, e ganhar uma aliança de ouro, já que, de acordo com ela, apenas se casou no cartório e recebeu uma “aliancinha de baixa qualidade”. Em outro momento, contou que, em sua casa da infância, havia um cachorro sem nome, e um macaco chamado Chico, mas nunca chegou a ver um coelho de perto, apesar de sempre ter desejado. Perante a sua afirmação, foram mostradas fotos de coelhos e Hortênsia achou-os muito fofos, e os filhotes engraçados, assim, pediu a extensionista para que no futuro, lhe desse um coelho, afirmando que faria carinho e o alimentariam bem.

Narciso, em um aspecto semelhante, também comenta sobre o futuro, diz que está pensando em voltar a trabalhar dirigindo caminhões, já que havia parado quando se casou, pois, a esposa, apesar de boa, bonita e de cabelo comprido, não gostava que ele ficasse tanto tempo longe de casa. Relata que a vontade vem de seu gosto por mecânica, ofício que aprendeu sozinho e lhe rendeu a doação de uma casa, já que na juventude sempre consertava de graça carros e caminhões de um fazendeiro rico, que mais tarde lhe deu uma propriedade pequena, onde foi morar com a esposa e seus dois filhos.

Percebe-se dessa forma, que Hortênsia e Narciso possuem perspectiva de futuro, uma característica apontada por Lopes (2007) como essencial para um envelhecimento saudável, já que aqueles que têm perspectivas de futuro, em geral, são considerados ativos, saudáveis e capazes, e, por conseguinte, costumam apresentar melhor autoimagem e autoestima, por ainda estarem em busca de realizações pessoais.

Para verificar alguns aspectos mnemônicos de Lírio foi solicitado, em dado encontro, que ela relembresse uma receita que fazia, já que havia comentado ter trabalhado muito tempo na cozinha da própria casa. Como resposta, Lírio descreve como fazia doce de laranja, passo a passo, de forma

animada e concentrada. Logo após, suspirou e disse que apesar de gostar muito de doce não podia comer atualmente devido à diabetes. Como recurso a isso, resolveu contar outra lembrança da infância, dessa vez sobre cozinhar carne em dias de festa, alimento que na juventude era sinal de alegria e conversas. Comida essa que, hodiernamente, ainda poderia comer, mesmo com a dieta que atualmente segue. Aparentando estar feliz, conta também que foi para a ILPI por desejo próprio.

Já Amaris, em dado momento, reclama por estar um pouco surda e revela estar esperando um aparelho auditivo. Em seguida, continua, quase em monólogo, sua descrição sobre gostar de “gente bonita” e ser bela na juventude quando fazia proezas no teatro. Sendo essa uma “arte boa” que “satisfaz o povo” pelo riso, ainda mais ela que era “fogo na roupa” e até plantava bananeira e batia no marido de brincadeira, que também era ator, para aplaudirem, por exemplo, ao encenar “Xandoca, a Mulher do Demônio”. Continua discorrendo sobre como no teatro cantava o “Versinho do Jacarandá” e usava tanta emoção que não era raro ver alguém chorar.

Em consonância, Bosi (1994, p. 474) comenta como recordações sobre antigos trabalhos podem ser tão vivos e presentes “que se transformam no desejo de repetir o gesto e ensinar a arte a quem o escuta.” Assim, quando Lírio narra os passos que fazia para finalizar seu doce de laranja, e quando Amaris conta sobre sua atuação no teatro, seus olhos brilham, e a voz se encorpa de satisfação e certeza dos fatos, mostrando que as lembranças ainda estão muito vivas.

Se as memórias de Lírio e Amaris soam resolutas e por vezes até mesmo críticas, o mesmo não ocorre com Magnólia. Ele é um idoso sorridente, mas com um processo claro de deterioração da memória. Em um determinado encontro conta, em cinco ciclos completos, que construiu um prédio em sua cidade natal, de três andares, e que no último andar pode-se entrar de bicicleta, porque a construção foi feita em um morro. Em seguida, diz que certo dia quando estavam construindo uma igreja na frente de seu prédio deu ao padre responsável trezentos reais, provenientes de aluguel do prédio. Satisfeito, o padre lhe disse que, se todas as pessoas fossem como ele, o mundo seria melhor. Muito marcado pela situação, Magnólia parece se orgulhar tanto do prédio quanto de sua doação, já que antes de construir o prédio havia tido situações complexas com a pinga que lhe gerou afastamento da família. Assim, parece se ancorar nesses fatos e os repete quase que ininterruptamente em ciclos, e quando lhe perguntado sobre outro assunto, responde em uma frase curta e inicia seu relato sobre o prédio e sobre o padre, novamente.

De acordo com Esposito e Gonçalves (2015), a evocação das lembranças, geralmente, ocorre em etapas que possuem mais força a depender da forma como a memória se divide em pontos, signos mnemônicos e marcações nas quais as vivências têm maior significado. Assim, é possível dizer que fenômenos como mudança de casa, casamentos, parada de vícios, morte familiar, empregos e festas, podem ser fixados na mente com maior facilidade. Logo, Magnólia, possivelmente, por se sentir

orgulhoso com a construção do prédio e com a doação ao padre, feita após lidar com sua situação complexa, frente a um suposto vício em álcool, se fixa e repete a situação continuamente, escolhida pelo peso emocional que lhe evoca.

De modo similar, apesar de inicialmente Lisianto demonstrar bons aspectos comunicativos, nota-se que, no decorrer dos encontros, aquilo que relata se repete e pouco se inova. Assim, em todas os encontros relata gostar de anéis, pulseiras, e de tudo que brilha, “tudo que é bonito”, afirmando algumas vezes que precisava cuidar de si mesma, pois caso contrário se não fosse ela mesma, “quem iria cuidar?”. Além disso, sempre comenta que gosta de cantar e que tem dois namorados. Descreve, também, datas, por exemplo, dizendo que primeiro de maio é o dia do trabalho e que o dia de Tiradentes é em abril, sendo seu nome Joaquim José da Silva Xavier, de acordo com o que aprendeu no colégio. Após relatar os nomes, procurando confirmação, Lisianto parece um pouco insegura com sua própria mente, sempre perguntando ansiosa, “minha memória é boa, não é?”. Quando lhe é perguntado sobre outro assunto, como por exemplo, a respeito de contos de fadas/histórias ou elementos da vida adulta, sempre diz que não se lembra, e afirma que é uma “mulher das ciências sociais”, e apenas lembra dos nomes históricos, músicas e eventos, nada além disso do passado.

A memória dos acontecimentos demarca a história de vida. Assim, para Bosi (1994) o tempo é rememorado de forma diferente por diferentes faixas etárias. Sobre a memória dos idosos, aponta que a infância pode se tornar muito larga e repleta de conteúdos (em especial, concentrando-se nos elementos que o sujeito acredita ter peso social ou marcar sua individualidade) se comparados à vida adulta e à própria velhice. Tal estudo corrobora, em parte, a reflexão a respeito da memória de Lisianto, já que essa não se recorda bem sobre os momentos da vida adulta, mas repete conhecimentos aprendidos nas escolas, músicas que ouvia na infância pelo rádio, e eventos de que participou, como o carnaval, sobre o qual relata que, quando era “mocinha”, dançou utilizando “uma calcinha azul fio dental bordada”.

Muito sorridente, Cravo relata que foi para São Paulo quando tinha quinze anos e morou nesse estado por quatorze anos, sendo que, durante esse tempo, noivou cinco vezes e se casou com a última por ser muito “trabalhadeira”. Conta que com ela teve quatro filhos, dos quais hoje alguns moram em Minas Gerais e outros em São Paulo, contudo não possui muito contato já que sua ex-esposa o deixou há muitos anos. O fato ocorreu, de acordo com ele, porque ela era muito ciumenta, enquanto Cravo sempre gostou de conversar com todos e paquerar, já que acreditava que, no romance, deve-se ser como um carro que sempre possui estepes. Além disso, Cravo acredita que hoje é “bom com todo mundo e o mais ruim da ILPI” é ele. Acredita ser ruim para si mesmo, porque tem insônia e fica pensando na infância, época que era “moleque gracioso” e a mãe lhe batia a cabeça por colocar fogo

no mato ou jogar o colega na água do rio. Sua mãe, de acordo com ele, era filha de índia, a qual seu próprio pai “conheceu no mato”, e com ela teve oito filhos.

Esposito e Gonçalves (2015) relatam que histórias de vida familiar conflituosa ou com antecedentes de abandono da família central são frequentes motivos de institucionalização do idoso do sexo masculino. Tal fato, em geral, se assemelha à situação de Cravo que, após a separação conjugal formal, se afasta não apenas dela, mas também dos filhos. Assim, mesmo tendo passado um tempo na casa de sua irmã mais velha (86 anos), parte de sua família extensa, antes de ir para a ILPI, a relação não se sustenta por serem relativamente distantes, e assim, não se sente plenamente bem-vindo, como se sentiria na própria casa.

Cravo também relata que já jogou futebol em times locais na posição de lateral direita, mas que, se antes ele “corria atrás da bola”, hoje sente que a “bola corre atrás” dele, já que anda devagar devido ao AVC que teve há cerca de oito anos. Porém, mesmo com sua condição, se orgulha de dizer que toma banho sozinho e realiza outras diversas atividades sem ajuda, indo até mesmo, frequentemente, até a grade da instituição para ouvir seu “sonzinho” e conversar de longe com quem passa.

O orgulho de realizar atividades básicas sozinho, como tomar banho, apresenta relação com o que Freitas e Scheicher (2010) denominaram de atividades básicas da vida diária (AVD), que se referem a ações como levantar-se da cama ou de uma cadeira, usar o banheiro, andar, vestir-se, alimentar-se, etc. Ressalta-se que, de acordo com seus estudos no Brasil, metade dos idosos necessitam de ajuda para realizar AVD. Sendo assim, Cravo se sente orgulhoso por conseguir algo que, provavelmente ao seu redor na ILPI não é tão frequente.

Conclui-se, assim, que as atividades realizadas junto aos idosos institucionalizados, corroboram com diversas teorias e argumentações já descritas na literatura científica. Ademais, é possível perceber que seus relatos e discursos são repletos de detalhes e vida, os quais demonstram seu engajamento no processo, ao compartilharem não apenas sobre seu passado e presente como também sobre o futuro, sobre seus sonhos e anseios. Discutem entre si, criando redes relacionais e comunicacionais, as quais podem se expandir para momentos distintos das ações extensionistas, fortalecendo seu bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos relatos coletados, por meio das intervenções, e aqui analisados, é possível observar que os encontros resultaram em momentos de socialização tanto entre os membros do grupo de idosas, quanto entre as idosas e o meio/contexto. Esse é um resultado bastante válido para a saúde

física e mental do idoso institucionalizado, por meio do fortalecimento de sua dimensão relacional, em especial durante a pandemia, momento em que a rotina se torna mais monótona e com poucas interações. Logo, buscou-se estimular cognitivamente e socialmente os participantes, em especial, a partir do uso da fala e da memória. Nota-se que as lembranças do passado, atreladas às histórias de vida contadas pelos idosos, contribuem para a compreensão da identidade desses sujeitos, que são únicos, mesmo estando institucionalizados. Ressalta-se que a memória, portanto, pode ser interpretada como o resultado da intersecção de histórias pessoais e sociais. Assim, falas sobre lutos, mortes, momentos alegres da infância, gostos pessoais, relações familiares, pequenas vitórias diárias, etc., formam o ato de interpretação individual do mundo temporal e cultural no qual o idoso se vê inserido. A memória é então, tanto meio de socialização, quanto fragmento da representação social do indivíduo, dessa forma um legado que deve ser valorizado.

As ILPIs, enquanto ambientes de cuidado a pessoa idosa, devem defender a dignidade e os direitos da pessoa idosa, reduzindo os riscos de comorbidades e combatendo a propagação de mitos e estigmas referentes aos estereótipos delegados aos sujeitos que utilizam seus serviços. A ILPI em questão demonstrou empatia para com seus membros e vontade de melhorar seus serviços, mesmo enfrentando algumas questões de cunho financeiro que dificultam a contratação de mais profissionais, por exemplo. Sua parceria com a universidade permitiu a realização de serviços de convivência com os idosos institucionalizados, que propiciaram a melhoria das relações sociais, descritas anteriormente, e a possibilidade de aprendizado por parte da extensionista e autora envolvida.

REFERÊNCIAS

- AGENCIA NACIONAL DE VIGILANCIA SANITARIA (ANVISA). **Resolução da Diretoria Colegiada**, 283, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0283_26_09_2005.html>. Acesso em: 15 maio 2021.
- ALMEIDA, Edelvels Alves de; MADEIRA, Gleison Dias; ARANTES, Paula Maria Machado, ALENCAR, Mariana Asmar. Comparação da qualidade de vida entre idosos que participam e idosos que não participam de grupos de convivência na cidade de Itabira-MG. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 435-443, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232010000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2021.
- ARAÚJO, Maria Odete Pereira Hidalgo de; CEOLIM, Maria Filomena. Avaliação do grau de independência de idosos residentes em instituições de longa permanência. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, 41(3), 378-385, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/STwSdzcs7sRKsXPkSYyxZ9M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2021.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 12.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PnDH-3)** / Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília, DF: SDH/Pr, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 232-235, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-3098201000100014&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 13 maio 2021.

ESPOSITO, Graciette Lamas; GONÇALVES, Andrea Kruger. Histórias vividas e memórias. **Estud. Interdiscipl. Envelhec.**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 567-582, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/46689>. Acesso em: 16 maio 2021.

ESTIVALET, Kátine Marchezan; PALMA, Kayla Araújo Ximenes Aguiar. Estimulação de memória em instituição de longa permanência para idosos. **Revista Neurociências**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 365–372, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8073>. Acesso em: 15 maio. 2021.

HAMMERSCHMIDT, Karina Silveira de Almeida; SANTANA, Rosimere Ferreira. Saúde do Idoso em tempos de Pandemia COVID-19. **Cogitare Enfermagem**, vol. 25. 2020.

KOCK, Kelson de Souza, BISETTO, André. Nível de independência, força de preensão manual e deambulação em idosos institucionalizados e idosos participantes de grupos de convivência. **Revista Kairós — Gerontologia**, 20(3), 113-130. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i3p113-130>. Acesso em: 14 maio 2021.

LEÃO, Denise Maria Maciel *et al.* Socialização de idosos institucionalizados: oficina de pintura em uma ILPI de Rio Grande, RS. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 20, n. 3, p. 459-474, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/40760>. Acesso em: 20 maio 2021.

LOPES, R. G. C. Imagem e autoimagem. In: NERI, A. L. **Idosos no Brasil: vivências, desafios e perspectivas na terceira idade**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições Sesc SP, 2007. p. 141-152.

MACHADO, Jane Gleifa Oliveira; CAMPOS, Carla Geline de Oliveira; RABELO, Dóris Firmino. Treino de habilidades sociais em idosos institucionalizados. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 258-265, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2021.

MORAIS, Olga Nazaré Pantoja de. Grupos de idosos: atuação da psicogerontologia no enfoque preventivo. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 846-855, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400014&lng=n&nrm=iso. Acesso em 13 maio 2021.

NUNES, Vilani Medeiros de Araújo; Menezes, Rejane Maria Paiva de & Alchieri, João Carlos. Avaliação da qualidade de vida em idosos institucionalizados no município de Natal, Estado do Rio Grande do Norte. **Acta Scientiarum, Health Sciences**, 32(2), 119-126, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHealthSci/article/view/8479>. Acesso em: 15 maio 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório mundial de envelhecimento e saúde** [Internet]. 2015. Disponível em: <https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. **Manual de funcionamento para Instituição de Longa Permanência para Idosos**. São Paulo; 2003.